



## Ensino de filosofia e exercício da aprendizagem: Conversa sobre uma experiência quilombola

*Teaching philosophy and exercise of learning:  
Conversation about a quilombola experience*

*Enseñanza de la filosofía y ejercicio del aprendizaje:  
Conversación sobre una experiencia quilombola*

Samon Noyama<sup>1</sup>

Universidade Federal do ABC (UFABC)

Renan Rodrigues Rosa<sup>2</sup>

Secretaria de Estado de Educação do PR (SEED-PR)

### RESUMO

A proposta deste texto é conjugar alguns elementos centrais de reflexões importantes sobre o ensino de filosofia, que vem se consolidando nos últimos anos no conturbado cenário brasileiro, marcado por uma abertura no campo da filosofia e da pesquisa em filosofia e, ao mesmo tempo, por uma série de retrocessos que afetam a educação no país como um todo. Precisamos reconhecer, de antemão, que se trata de uma experiência formal, mesclando a reflexão teórica com uma entrevista, procurando potencializar a relação dentre vida e pensamento. Nesse sentido, procuramos aproximar esse repertório com algumas reflexões trazidas a partir da experiência do ensino de filosofia na escola quilombola da comunidade João Surá, no PR, e pensar os efeitos dessa experiência na formação do professor de filosofia e seus desafios metodológicos e o permanente questionamento da natureza da filosofia e seu ensino, como nos instiga Alejandro Cerletti.

**Palavras-chave:** Ensino de filosofia; comunidade quilombola; experiência.

### ABSTRACT

The proposal of this text is to combine some central elements of important reflections on the teaching of philosophy, which has been consolidating in recent years in the troubled Brazilian scenario, marked by an opening in the field of philosophy and research in philosophy and, at the same time, by a series of setbacks that affect education in the country as a whole. We need to recognize, beforehand, that this is a formal experience, merging theoretical reflection with an interview, seeking to enhance the relationship between life and thought. In this sense, we try to approach this repertoire with some reflections brought from the experience of teaching philosophy in the quilombola school of the João Surá community, in the state of Paraná, and to think about the effects of this experience on the formation of the philosophy teacher and its methodological challenges and the permanent questioning of the nature of philosophy and its teaching, as Alejandro Cerletti instigates us.

**Keywords:** Teaching philosophy; quilombola community; experience.

---

<sup>1</sup>Professor do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC (CCNH/UFABC); professor do Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia (PROF-FILO). <https://orcid.org/0000-0003-4170-9545>; Endereço eletrônico: [s.noyama@ufabc.edu.br](mailto:s.noyama@ufabc.edu.br)

<sup>2</sup>Professor no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos. Graduado em Filosofia e Sociologia, pós-graduado em Educação do Campo, Educação Especial Inclusiva, Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial, Ensino de Filosofia e Sociologia e História e Cultura Afro-brasileira. <https://orcid.org/0000-0002-0327-5515> Endereço eletrônico: [renannrosa.filosofia986@gmail.com](mailto:renannrosa.filosofia986@gmail.com)



## RESUMEN

La propuesta de este texto es combinar algunos elementos centrales de importantes reflexiones sobre la enseñanza de la filosofía, que se ha ido consolidando en los últimos años en el problemático escenario brasileño, marcado por una apertura en el campo de la filosofía y la investigación en filosofía y, al mismo tiempo, por una serie de retrocesos que afectan a la educación en el conjunto del país. Necesitamos reconocer, de antemano, que se trata de una experiencia formal, fusionando la reflexión teórica con una entrevista, buscando potenciar la relación entre la vida y el pensamiento. En este sentido, tratamos de acercarnos a este repertorio con algunas reflexiones traídas de la experiencia de la enseñanza de la filosofía en la escuela quilombola de la comunidad João Surá, en Paraná, y pensar en los efectos de esta experiencia en la formación del profesor de filosofía y sus desafíos metodológicos y el cuestionamiento permanente de la naturaleza de la filosofía y su enseñanza, como nos instiga Alejandro Cerletti.

**Palabras clave:** Enseñanza de la filosofía; comunidad quilombola; experiencia.

## Introdução

Desde que o ensino de filosofia passou a ocupar maior espaço nos debates e na preocupação de professores de filosofia no Brasil, seja a forma da constituição de GT's, de dissertações e teses defendidas, ou mesmo na quantidade de mestres oriundos dos programas de pós-graduação da área<sup>3</sup>, não somente nos familiarizamos com alguns questionamentos acerca da natureza da filosofia como também nos aprofundamos nas leituras de autores e autoras que vem há tempos contribuindo de maneira significativa para a área de estudo. Um desses autores de grande importância é o filósofo argentino Alejandro Cerletti, autor de “O ensino de filosofia como problema filosófico”, a partir de quem nos habituamos a perguntar: quais filosofias ensinamos quando ensinamos filosofias? Que professores nos tornamos quando persistimos nessa pergunta?

Foi a partir das perguntas desencadeadas na leitura de Cerletti que decidimos, no contexto de uma disciplina do programa de pós-graduação em filosofia, o PROF-FILO, sistematizar o trabalho e a experiência singular que Renan Rodrigues Rosa, professor da SEED-PR, vem desenvolvendo nos últimos anos no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, em Adrianópolis, Paraná. A proposta inicial era discutir a prática de ensino de filosofia no Quilombo e pensar em que condições e com quais elementos poderíamos sugerir a criação e o posterior compartilhamento de algo semelhante a um material didático, escopo

<sup>3</sup> Há, fundamentalmente, dois programas específicos da área de filosofia dedicados ao ensino de filosofia: O PPFEN/CEFET, no Rio de Janeiro, o primeiro programa no país, e o PROF-FILO, um programa nacional em rede, com sede na UFPR, em Curitiba, mas com outros 15 núcleos permanentes distribuídos por todas as regiões do Brasil.



da disciplina “Elaboração de material didático” (usar *itálico* apenas para palavras em língua estrangeira. Revisar essas entradas em todo o texto, por favor. Ao invés de *itálico*, use *aspas*), ministrada no primeiro semestre de 2021, de forma remota, ainda no contexto da pandemia causada SARS-COV-2 e todos os seus desdobramentos indesejáveis.

Contudo, já dispostos a sistematizar esse trabalho e submetê-lo a apreciação dos nossos pares, com justo interesse compartilhar a experiência e ampliar o diálogo para tornar as próximas jornadas ainda mais consistentes do ponto de vista do ensino de filosofia e da afirmação de pautas marginalizadas frequentemente pela academia, especialmente na filosofia, nos deparamos com um desafio formal: como escrever sobre esta experiência? Haveria uma forma mais adequada, um vocabulário apropriado, um conjunto de operadores já consagrado e legitimado satisfatório para aquilo que suspeitamos ainda ser nosso compromisso enquanto filósofos e educadores?

Pausa. Enquanto conversávamos e debatíamos a experiência do ensino de filosofia na comunidade quilombola João Surá um sentimento frequente era e ainda permanece sendo o de aprendizado. Estamos falando de um ambiente escolar, um velho conhecido, e de ensino de filosofia, um campo de conhecimento nem tão explorado ainda, mas de um conjunto de autores, de referenciais teóricos e de conteúdos da filosofia de certa forma já estabilizados a partir dos PCN’s, das OCN’s e, ainda, pela SEED-PR. Contudo, o volume de experiências relatadas escapava mais que do o que ordinariamente escapa, e as fórmulas, os conceitos e o repertório linguístico comum da filosofia acadêmica se mostravam cada vez mais insuficiente para adentrar aquele vasto mundo singular. E, neste momento, dois pensadores se apresentaram como bons companheiros para caminhar ao nosso lado: Simón Rodríguez, educador, filósofo e político venezuelano, e Manoel de Barros, poeta brasileiro. Foi do encontro entre e com eles, sugerido no livro “O mestre inventor”, de Walter Kohan, que recebemos aliviados a consciência de que a escrita, neste universo marcado mais pela invenção e pela criação do que pela reprodução sistemática, é ela também uma tarefa descoberta formal sempre em aberto. “A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura”, dizem Walter Kohan e Jorge Larrosa. (KOHAN, 2015, p.5)

Por isso, talvez esse texto ofereça ao leitor parcialmente um relato de experiência, sem sê-lo integralmente, estimule um diálogo entre os autores e os leitores, sem o qual ele

abandona o sentido de existir, e apresente algumas impressões e reflexões que tocam a experiência local e as referências teóricas com certa dose de irresponsabilidade e infantilidade, porque educar e filosofar solicitam, às vezes, o exercício de ser criança. Completam, ainda, Kohan e Larrosa: “Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação”. (KOHAN, 2015, p.5)

Ainda que nos últimos anos tenha aumentado de forma considerável a produção teórica, reflexiva e prática sobre ensino de filosofia no Brasil, é de se esperar e é também, compreensível, que algumas experiências e práticas continuem sendo consideradas menos importantes e até marginais. É o caso das experiências com ensino de filosofia em escolas do campo, assentamentos e indígenas. Isso quer dizer que para pensarmos essas experiências ainda são escassas as referências teóricas, o volume do repertório produzido e o valor e dignidade filosófica das experiências concretas. Vem, em parte por isso, o movimento de exercitar uma escrita híbrida e experimental sobre o ensino de filosofia na comunidade quilombola João Surá, no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

### **1. Qual filosofia ensinamos em uma escola de comunidade quilombola? O que é, ali e para quem ali se encontra, filosofia?**

Renan Rodrigues Rosa é professor de filosofia e já há alguns anos vem trabalhando junto a esta comunidade quilombola. Durante uma disciplina no programa de pós-graduação em que nos propusemos a elaborar materiais didáticos, nos deparamos com um conjunto muito interessante e que pode nos ajudar a pensar sobre esse desafio que é refletir sobre o ensino de filosofia na educação básica e as singularidades que aparecem quando essa tarefa se encontra com a vida que existe (e resiste) em uma comunidade quilombola.

Alejandro Cerletti, no livro “O ensino de filosofia como problema filosófico”, nos incentiva a refletir sobre a natureza e a transformação do professor de filosofia na medida em que este se dispõe a questionar, ininterruptamente, primeiro, o que é ou o que são as filosofias, segundo, que filosofias são essas que ensinamos quando estamos em sala de aula, e, por fim, que professores somos nós na medida em que adotamos essas perguntas e





procuramos refletir sobre nossas atividades enquanto professores e sujeitos que ocupam determinado espaço e sua devida responsabilidade na formação de alunos.

No terceiro capítulo do livro, Cerletti aborda dois elementos que considera indissociáveis do processo de filosofar e de ensino filosofia: repetição e criação. Ele pensa, junto com Badiou, que essa repetição não é exatamente uma reprodução sistemática porque não se trata de um conhecimento determinado, mas de um gesto, uma prática, um hábito. Repetir e criar são movimentos totalmente distintos, mas que estão ligados à possibilidade de pensarmos o filosofar como uma ação que possibilita abrir novos caminhos, trilhar outros rumos.

Quando nos voltamos à observação da performance em sala de aula, que ele chama de um processo de duas dimensões, uma objetiva, associada à repetição, e uma subjetiva, à criação, constatamos aqui que muitos docentes sensíveis ao exercício filosófico em sala de aula já devem ter notado: “o desafio de todo docente – e em especial de quem ensina filosofia – é conseguir que em suas aulas, para além da transmissão de informação, produza-se uma mudança subjetiva. Fundamentalmente de seus alunos, mas também de si mesmo.” (CERLETTI, 2009, p.36).

De certa forma, é interessante observar essa questão da dupla transformação. A acolhida da filosofia enquanto uma disciplina ou enquanto conteúdos interdisciplinares na escola quilombola guarda características suficientemente distintas das que vemos no Ensino Médio público das escolas do Paraná, a ponto de podermos sustentar que a dupla transformação a que se refere Cerletti também reserva caminhos peculiares se comparados às escolas regulares.

Por um lado, podemos perguntar: o que se espera, em geral, como transformação dos alunos de escolas públicas? É de se imaginar que parte da resposta a esta pergunta deve ser observada na estrutura da rede de ensino, no currículo estabelecido, nos documentos referência do MEC, no conjunto dos materiais didáticos disponibilizados e, além disso, no valor percebido por aquela comunidade quanto às aulas de filosofia. No caso específico das escolas quilombolas, há trâmites próprios quanto à proposta curricular, à adoção dos conteúdos da disciplina e isso se configura, inclusive, na espécie de sabatina porque eles passam antes de serem recebidos pela comunidade. Trata-se de um processo de análise



realizada pelos membros representantes da comunidade, das mais variadas funções e faixas etárias, a fim de concordar com a participação de cada um dos docentes que se candidata a assumir alguma disciplina na escola quilombola. Este processo é realizado a cada ano, quando da atribuição de disciplinas e carga horária de docentes da rede pública de ensino do Paraná, junto à SEED. (conforme figura 1)

Dossiê

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED**

**PARANÁ**  
Secretaria de Estado da Educação

**DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA**  
EMITIDA PELA ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS

Eu, Marilda de Andrade Matos, RG n.º 8205633-8,  
Presidente da Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombos de Paraná,  
localizada no Município de Paraná, bem como as lideranças relacionadas ao final deste documento,  
declaramos que o(a) candidato(a) Marilda de Andrade Matos, RG n.º 8205633-8:

1. Conta com ANUÊNCIA desta comunidade para desempenhar a função (em Escola Quilombola) de:  
 Professor(a)     Assistente Administrativo     Direção/Vice-Direção  
 Pedagogo(a)     Auxiliar de Serviços Gerais

ATENÇÃO: Os itens 2 e 3 deverão ser preenchidos. Tem como objetivo a obtenção de dados para o DEDUCERDE planejar Cursos no decorrer do ano letivo.

2. Possui os seguintes conhecimentos (citar as disciplinas de atuação), para o ensino e o nível de formação - marque com x

Disciplina	Nível				
	Disciplina	Graduação	Pós-Graduação	Especialização	Doutorado
1	Filosofia				
2	Psicologia				
3					
4					

3. Conhece a História, a Organização Social, Costumes, Crenças e Tradições da referida comunidade?  
 SIM ( ) NÃO ( )

Declaramos, ainda, que nós, abaixo assinados, zelaremos pelo cumprimento, por parte do(a) funcionário(a), das funções pelas quais ele(a) é responsável.  
 CR de Quilombos de Paraná, Município de Paraná, PARANÁ  
 Data: 20 de Setembro de 2018  
 Dados do Presidente da Associação e demais lideranças da Comunidade de Remanescentes de Quilombos de - (Município) Paraná, Estado de Paraná.

Nome Completo (legível)	Assinatura	RG	CPF	Função na Comunidade	Idade
1. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	8205633-8	027121389-29	Presidente	55
2. Rosineide de Matos	<i>Rosineide de Matos</i>	8205633-5	051171169-76	2ª Secretária	35
3. Eliane de Matos	<i>Eliane de Matos</i>	7320644-8	047269129-19	1ª Secretária	39
4. Maria de Lourdes de Matos	<i>Maria de Lourdes de Matos</i>	147227191		Sócia	36
5. Santana	<i>Santana</i>	7395441-6	043116949-70	Vice-presidente	45
6. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	19446333-6	027229548-78	Sócia	
7. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	1618542-2	102115016-07	Sócia	20
8. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	9916664-3	072084509-1	Sócia	38
9. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	10183702-2	063563777-88	Sócia	33
10. Marilda de Andrade Matos	<i>Marilda de Andrade Matos</i>	122726450	108247963-01	Sócia	22

Recebido por \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_  
 Data:    /    /    Carimbo \_\_\_\_\_  
 Após a contratação, encaminhar cópia deste documento para a SEED/DEDUCERDE.

Figura 1: Cópia de declaração de anuência emitida pela Associação da Comunidade de Remanescentes de Quilombos

Por outro lado, ainda que o ofício de professor sem dúvidas promova uma série de transformações ao longo dos anos de sala de aula e convívio na escola, talvez seja difícil supor o impacto que o exercício da profissão em uma escola quilombola possa promover no professor, sobretudo se pensamos no perfil das grandes cidades e de escolas urbanas. O papel que diversos elementos constitutivos de uma comunidade quilombola pode exercer sobre a visão de mundo, os hábitos profissionais, a temporalidade, a relação com a terra, a natureza e



a ancestralidade é imenso. Trata-se de uma experiência extraordinária, e que, em tempos urgentes para questionar quais filosofias ensinamos quando ensinamos filosofias, como sugere Cerletti, pode contribuir com o debate, abrir caminhos, ampliar compreensões, e sustentar essa abertura que a filosofia brasileira tem feito, atenta às contribuições das filosofias africanas, das epistemologias do sul, do feminismo negro, enfim, desse processo que ainda parece dar seus primeiros passos em direção a uma mudança consistente e profunda do nosso pensamento e sua relação com o tempo e sua própria história.

## **2. Encontro com o quilombo: Renan Rodrigues, o professor**

Quando, no primeiro semestre de 2021, iniciamos o curso de Elaboração de material didático no núcleo do PROF-FILO da UNESPAR, de forma totalmente remota, percebemos que havia na experiência de ensino de filosofia trazida por Renan e compartilhada com os colegas de turma algo forte, potente, e que se encaixaria no perfil de contribuições que podem oferecer muito aos estudos de ensino de filosofia. É certo que temos alguns trabalhos muito consistentes e que já se tornaram leitura frequente nos círculos de pesquisadores de ensino de filosofia, especialmente para aqueles que tem interesse em questões étnico-raciais. Gostaríamos de destacar dois deles, por total afinidade e respeito pelos trabalhos desenvolvidos: “O ensino de filosofia e a Lei 10.639”, de Renato Nogueira, e “A desconstrução do ensino de filosofia e a legislação antirracista”, de Fábio Borges-Rosário.

São dois trabalhos fortes, robustos, e que enfrentaram um debate ainda delicado e que percebe muita resistência na academia em geral, inclusive na filosofia, a despeito de mudanças recentes e alguns cenários alentadores. O livro de Renato Nogueira, em especial, lançado cerca de seis anos antes, em 2014, balizou muitas discussões e contribuiu de forma indiscutível para o amadurecimento de temas como racismo epistêmico, filosofia em afroperspectiva e epistemicídio. Gostaríamos, portanto, de registrar aqui nossas dívidas e respeito quanto a eles. E dizer que foram alimento para que confiássemos na organização da experiência de Renan Rodrigues na região do Vale do Ribeira, a divisa entre os estados do Paraná e de São Paulo.

No intuito de começar a dizer essa experiência de forma aconchegante, elaboramos algumas perguntas simples e diretas, para agregar a este texto parte da carga de sensibilidade e emoção que vem marcando nos últimos anos o trabalho de Renan na escola, e ecoou nas nossas discussões, ampliando os laços afetivos e potentes que caracterizam este processo. Sem pretensão alguma de configurar uma entrevista e de oferecer respostas robustas a problemas teóricos, seguem abaixo as perguntas que, ao nosso ver, nos aproximam o universo que desejamos compartilhar com aqueles que chegam para ler esse texto.

Pergunta: Você poderia contar um pouco sobre a sua trajetória como estudante e, depois, como professor?

Resposta: Comecei a cursar Licenciatura em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos (Unimes Virtual), no ano de 2012 foram três anos de curso EAD, com a conclusão do curso de Filosofia em 2017 comecei a cursar Sociologia pela UNAR (Centro Universitário de Araras “DR. Edmundo Ulson”). Após a conclusão do curso de Sociologia entre os anos de 2018 a 2021 realizei cinco pós-graduações pela Faculdade FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante), sendo elas: Educação do Campo, Educação Inclusiva e Especial, Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial, Ensino de Filosofia e Sociologia e História e Cultura Afro-Brasileira. Leciono há sete anos no Estado e atualmente estou no Colégio Estadual do Campo Porto Novo e Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos localizado no município de Adrianópolis PR.

P: Como você chegou na comunidade Quilombola de João Surá PR?

R: Minha trajetória como professor começou no ano de 2014 em escolas de Campo, Colégio Estadual do Campo Porto Novo e Colégio Estadual do Campo Selbmann, meu contato com a comunidade Quilombola de João Surá ocorreu em momentos de levar os estudantes para visitar a comunidade e o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos localizado no município de Adrianópolis, no Paraná, assim surgiu a oportunidade de trabalhar na comunidade e fazer parte do corpo discente do colégio. Tudo começou com uma inscrição no Processo Seletivo Simplificado (PSS), após a inscrição foi apresentado um plano de ação da disciplina





pretendida do cargo para a Associação de moradores na definição da contemplação da carta de anuência, porque para se trabalhar em escola quilombola precisa ter a carta de anuência assinada pela presidenta, vice-presidenta e associação de moradores da comunidade te concedendo a autorização para ocupar a vaga do cargo pretendido.

P: Você pode descrever um pouco como foi o processo de acolhimento na comunidade Quilombola de João Surá?

R: Lembro-me como se fosse hoje quando voltei à comunidade como professor e não como visitante, estavam todos sentados em círculo em um gramado ao lado da escola, esperando a minha apresentação onde fui recebido de braços abertos tanto pela comunidade quanto para os estudantes que estavam ansiosos para conhecer quem era o novo professor de Filosofia e Sociologia. Com o passar dos tempos fui me familiarizando com a comunidade, saía nas casas para visitar os anciões que a cada visita era uma aprendizagem nova e uma história não só de luta mais de resistência no território, com isso surgiram convites de anciões para participar das religiões da comunidade, que foram muito enriquecedoras culturalmente e identitária, por não ser oriundo de comunidade remanescente de quilombo foi me ocorrendo o aquilombamento através da cultura, saberes e religiosidade, onde pude descobrir a minha identidade como pessoa preta e que essas experiências vivenciadas estavam presentes corriqueiramente há muito tempo no meu dia a dia e que era questão de reconhecê-las e compreende-las para fazer ainda mais sentido na minha formação.

P: O que você esperava do trabalho com essas duas disciplinas na escola da comunidade? Você já tinha alguma experiência com ensino de filosofia e sociologia em escolas urbanas, no ensino regular?

R: Com as disciplinas de Filosofia e Sociologia esperava um currículo não engessado onde pudéssemos trazer a comunidade para a sala de aula, fazendo um diálogo da filosofia e saberes ancestrais que é uma filosofia de vida e resistência no território, e já em questão da disciplina de sociologia esperava na interação com grupos de movimentos sociais a qual

podemos destacar: Movimentos do MST e Movimentos contra as Barragens no Vale do Ribeira. Em relação a minha experiência em escolas urbanas, já lecionei por cinco anos (2015, 2016, 2018, 2019 e 2020), as disciplinas de Filosofia e Sociologia no Colégio Estadual Santa Bárbara que se reside no centro da sede do município de Adrianópolis PR, o colégio funciona nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), na época que lecionei as salas do Ensino Médio eram superlotadas chegando até 48 estudantes por turma e essa realidade continua presentes até nos dias de hoje.

P: Comente um pouco sobre esse processo que você chama de “ocorrer o aquilombamento” em você.

R: O aquilombamento ocorreu no processo como discente no colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, por estar presente na vivência da comunidade e na luta com os movimentos sociais no território, pôde perceber que as inquietações que as incomodavam também eram as minhas assim passei a vivenciar e fazer parte do movimento de luta e resistência do território me tornando um “professor aquilombado”.

P: É possível falar sobre alguma mudança em você, como professor, ao longo desse processo?

R: Não digo uma mudança, mas um aperfeiçoamento no relativismo cultural, de olhar e entender a realidade do estudante e tentar compreender a opressão que está impedindo de realizar algo, e tentar buscar um meio de solução para o problema encontrado, mostrando aos estudantes a solidariedade e a compaixão ao próximo.

### **3. A organização do material didático a partir da experiência na escola**

A comunidade Quilombola de João Surá localiza-se á 50 quilômetros da sede do município de Adrianópolis região do Alto Vale do Rio Ribeira do Iguape, na fronteira entre Paraná e São Paulo, nas áreas compreendidas pela confluência do rio Ribeira com o rio Pardo



e os limites do Parque Estadual das Lauráceas. (MOURA, 2005).

O quilombo foi constituído, originalmente, por escravizados que fugiram da região do Vale do Ribeira, os quais foram trazidos à região apoiando-se no incentivo a mineração e posteriormente, pela agricultura. Desta forma, a busca pela liberdade encontrou na região de difícil acesso, um local para a constituição da comunidade.

As religiões na comunidade quilombola João Surá, no Paraná, vem há séculos marcando e sendo de suma importância para a comunidade, onde as vésperas de festas são apresentadas: danças, contos de histórias vividas pelos moradores da comunidade e músicas cantadas em celebrações aos santos. Hoje na comunidade quilombola existem até duas religiões predominantes: o catolicismo e o evangelismo, sendo religiões carregadas há mais de 200 anos.

A sociedade brasileira traz no seu âmago a religiosidade como um forte componente identitário. O catolicismo trazido ao Brasil, impregnado de resquícios medievais, misturou-se à mentalidade do elemento indígena e africano. Essa religiosidade rústica, ou popular, também se propagou por conta do distanciamento físico entre a Igreja, enquanto instituição, e uma parcela considerável da população, relegada aos confins do vasto território e sob condições materiais mais precárias. Ao observarmos algumas práticas religiosas bastante recorrentes, como é o caso da Dança de São Gonçalo, Festa do Divino, Recomendação da Quaresma (almas), e o Curandeirismo fica patente a ressignificação de elementos do catolicismo a partir de uma leitura própria. A prática isolada da fé e a transferência de informações de uma geração para outra, criou uma tradição religiosa muito própria nas comunidades negras tradicionais. Sincretismo que recebeu a influência determinante de elementos ancestrais da religiosidade de matriz africana.

Podemos observar um forte componente da Filosofia do *Ubuntu* constituídos no dia a dia e nas vivências dos moradores da comunidade quilombola nos aspectos culturais como mecanismos de integração comunitária em torno de diferentes atividades produtivas e religiosas refletem a identidade coletiva dos quilombolas de João Surá na divisão do trabalho com a prática de mutirões, na casa da memória, na troca de dias de serviços, as famílias compartilham a casa de farinha que agrega enquanto aspecto cultural e pode ser considerado um símbolo de subsistência coletiva e nos momentos culturais entre eles, ao trazermos esses

ensinamentos e saberes através dos anciões/anciãs para a sala de aula em Circulo de Cultura podemos observar que a oralidade trás a construção do conhecimento e a re-existência no território, onde proporcionamos aos educandos as possibilidades de refletir sobre vários aspectos da existência, entre eles a transcendente. Em relacionarmos os elementos da filosofia afroperspectivista na releitura e abordagem ao adinkra dos povos Acã Sankofa que simboliza o passado, presente e futuro, trazemos a reflexão do passado nas vivências das ancestralidades, a re-existência do presente e a ave carregando ovo simbolizando o futuro da juventude no/com o território, levamos os estudantes a questionar o sentido da vida, descobrindo seu comprometimento com a comunidade, em estado consciente de sua participação em todo. A consequência dessa descoberta poderá afetar as ações, gestos, palavras, significado: construções que farão parte da sua vivência e convivência, práticas que carregam consigo a identidade de um povo, a ancestralidade e os ensinamentos das gerações passadas para as futuras gerações através de ritos, devoções e manifestações culturais, a intolerância está aí e desafia a convivência das comunidades.

É fundamental salientar que ao trazer para a sala de aula obras de autoras (es) africanas (os) e brasileiras (os) nós estamos dizendo igualmente que pessoas como nós são capazes de fazer filosofia, tal é a potência da representatividade em questão. É nesse sentido que Djamila Ribeiro (2017), afirma que o lugar de fala traz, na sua essência, a consciência do papel do indivíduo nas lutas, criando uma lucidez de quando você é o protagonista ou coadjuvante no cenário de discussão. Não havendo silenciamento de vozes, é possível pensar que nos aproximamos de uma liberdade para cada grupo se reconhecer e entender em qual espaço se encontra conforme o processo de organização e falar com propriedade a partir dele.

Esta é a função da identificação e da representatividade, mostrando que a filosofia é um caminho que outros como você já trilharam, que não precisa ser pensado estritamente dentro de uma visão elitista da filosofia, restrita a mentes excepcionais e histórias de vida privilegiadas, a fim de aproximar a/o estudante e promover sua efetiva participação. Permitir que a/o estudante considere possível pensar e se posicionar-se sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta, a partir de uma filosofia afroperspectivada que promove o desenvolvimento pleno dos cidadãos permitindo melhor relação entre todos e reivindicar





direitos humanos para uma sociedade antirracista, antissexista e anti-homofóbica. E que se apresente uma ética Ubuntu, que combata as discriminações negativas, isto é, que compreenda que o homem só se torna homem quando ele permite que os outros homens igualmente se humanizem.

Afinal, como afirma Renato Noguera em “O ensino de filosofia e a lei 10.639”, desde a promulgação desta lei, para além de todas as dificuldades que já se apresentavam com relação à atividade docente em filosofia, “um dos nossos desafios está na articulação de uma dupla obrigatoriedade: (1º) ensinar Filosofia; (2º) ensinar e promover relações étnico-raciais equânimes através do estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” (NOGUERA, 2019, p.19). Isto é, precisamos trabalhar com uma filosofia aforperspectivista, passando por três referências imprescindíveis: o quilobismo, a afrocentricidade e a perpersctivismo ameríndio.

#### **4. Práticas religiosas na comunidade quilombola de João Surá, PR**

Nesta comunidade Quilombola as práticas religiosas mais importantes são a Bandeira do Divino Espírito Santo, Dança de São Gonçalo, as Recomendações das Almas e o curandeirismo, religiões carregadas há mais de 200 anos naquele território. A abordagem das religiões na Instituição de Ensino ocorre nas adaptações do calendário escolar, contendo data específica das religiões da comunidade originando um calendário próprio e diferenciado das outras instituições de ensino, e também com a vinda de um ancião/anciã na sala de aula para relatar as suas experiências com o convívio as práticas religiosas. Muitas vezes são realizadas saídas de campo com os estudantes até as casas dos anciões, que são adeptos as essas práticas religiosas, ainda que a maioria dos educandos já vem realizando essas práticas religiosas especialmente a Romaria de São Gonçalo e a Bandeira do Divino com o ofício de capelão ou cantadeira. No que diz respeito às Recomendações das almas e o Curandeirismo, é preciso ter dom para executar essas práticas, principalmente as das Recomendações das almas, pois exige voz potente e dom para ser capelão e cantadeira. Por isso, essa prática religiosa é comandada pelos anciões que puxam esses ofícios, uma das práticas que para se aprender leva tempo por ser realizados em época específicas uma vez ao ano com muito respeito e devoções.

A divisão das atividades respeita um cronograma trimestral, sendo trabalhado com o auxílio de outras disciplinas no modo de aula interdisciplinar, com frequência contemplando as disciplinas de História, trazendo o contexto histórico das religiões no território; Sociologia com o contexto da visão da sociedade e grupo social adepto a essas práticas religiosas; Filosofia, a partir de uma filosofia *Ubuntu*, na solidariedade, circularidade, igualdade e na visibilidade das mulheres presentes nas práticas religiosas e, por fim, Geografia, com a contextualização do tempo, lugar e espaço que essas religiões estão presentes no território. Além disso, há o costume de abordar as práticas religiosas a partir da seguinte distribuição trimestral: 1º Trimestre: Práticas religiosas da Bandeira do Divino e Dança de São Gonçalo/Romaria de São Gonçalo; 2º Trimestre: Práticas religiosas da Recomendação das Almas e Curandeirismo; 3º Trimestre: Elaboração de materiais, cartazes, saída de campo, oficinas de ervas medicinais e saberes tradicionais da comunidade.

Vejamos agora algumas sugestões quanto ao trabalho de formação com os alunos, pensando em separar por cada uma das práticas uma forma de abordagem com os/as estudantes.

### **Bandeira do Divino Espírito Santo**

**OBJETIVOS:** Contextualizar como é realizada essa prática religiosa, as funções dos capelães, em que datas que executam essa prática, e qual o significado por trás de tantos ritos e devoções e em quais comunidades (território) essa prática religiosa se predomina, por ser uma tradição de trocas de bandeiras de um quilombo para o outro.

**DESENVOLVIMENTO:** Analisar o contexto histórico da bandeira, da musicalidade, das comidas típicas realizadas na espera dos capelães e a tradição da passagem da bandeira na casa dos fiéis.

### **Romaria de São Gonçalo**

**OBJETIVOS:** Problematizar a relação da promessa feita a São Gonçalo, por ser realizado no individual mais é pago no coletivo no contexto do *ubuntu*, quais as consequências de não realizar a promessa, qual a relação da promessa com o número de voltas a ser realizado na dança e como deve ser os preparativos para a execução da prática religiosa.



**DESENVOLVIMENTO:** Analisar o contexto histórico de mais de 200 anos da dança de São Gonçalo no território, como é realizado a dança, a relação do santo com a agricultura, os critérios estabelecidos após entrar na romaria e na categorização e vestimenta do altar e do santo.

### **Recomendações das almas**

**OBJETIVOS:** Contextualizar como é realizado as recomendações e como chegou à comunidade, qual o objetivo da matraca na realização da iniciação dessas práticas e quais os critérios a serem seguidos pelos fiéis na hora da recomendação, e como e onde é realizado a finalização da recomendação.

**DESENVOLVIMENTO:** Analisar a musicalidade negra, o modo de cantar e rezar adaptado às línguas e pronúncias dos quilombolas, nas manifestações religiosas rústicas com elementos culturais próprios na religiosidade e sua forma de levar ao efeito.

### **Curandeirismo**

**OBJETIVOS:** Apresentar um debate com as mulheres erveiras sobre as práticas de cura com chás caseiros, benzimentos, relatos das experiências vividas e como adquiriu essa prática religiosa.

**DESENVOLVIMENTO:** Analisar o contexto histórico dessa prática religiosa no território, quem está por trás dessa prática religiosa, como são realizados os benzimentos e os chás caseiros, pesquisar a informação e coleta de dados de mais quantos curandeiros/curandeiras resistem e persiste no território. Após a realização da atividade é realizada uma exposição de ervas medicinais.

**Perguntar, uma vez mais:** quais filosofias ensinamos? Que professores nos tornamos?

A inclusão da filosofia no Ensino Médio brasileiro como disciplina obrigatória foi homologada no ano de 2008, mas o processo foi gradativo. Em 2009, todas as escolas de Ensino Médio inseriram a disciplina no 1º ano; em 2010, além do 1º ano, a filosofia passou a compor o 2º ano do Ensino Médio. Em 2011, a filosofia - conforme a legislação educacional - passou a integrar todas as séries do referido nível de ensino. Em seguida foram elaboradas

as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM). O documento foi publicado no ano de 2006, três anos depois da promulgação da Lei 10.639/03, mas não menciona diretamente, no caso do capítulo dedicado à filosofia, as Diretrizes Nacionais para o Ensino de História Cultura Afro- Brasileira e Africana.

Quando aceitamos o desafio de ensinar filosofia não devemos considerá-la como algo grego, exclusivamente de origem da Grécia, mais também trazermos para sala de aula elementos de uma filosofia africana, contrapondo a noção da eurocentricidade com a da afrocentricidade. Contudo, não de modo eurocêntrico, simplesmente tentando colocar a África no lugar da Europa, substituindo uma pela outra, mas considerando que todos falamos e pensamos de um lugar e que seu lugar de fala está e devem estar ligadas às questões africanas e sua diáspora.

Nogueira defende que ensinar filosofia a partir da afroperspectividade pede, enfaticamente, a leitura de filósofos e filósofas africanos e africanas, assim como brasileiros/as, ameríndios, latino-americanos/as, sem que isso signifique ignorar a filosofia europeia. Porém, mais importante do que encher nossos currículos com autores africanos/as, precisamos colocá-los lado a lado e em pé de igualdade, conferindo-lhes valor e importância semelhante. Essa forma de tratar a filosofia não europeia, nesse caso, é o movimento adequado para desmarginalizar as produções e o pensamento para além dos países nortecêntricos, o que Nogueira chama de exercício de desmarginalização das produções africanas.

Podemos considerar, finalmente, que lembrar-se de questionar a natureza da filosofia com frequência é um caminho sem volta. Traz, por um lado, a instabilidade de rever convicções próprias, enxergar a história da filosofia sempre de forma crítica, entendendo os valores constituídos, as disputas de poder em jogo e, conseqüentemente, apropriar-se dos movimentos porque passou a filosofia ao longo da história do ocidente. Parece um movimento que visa ampliar as referências de filósofas e filósofos, reposicionar o pensamento geopoliticamente e resgatar o papel da filosofia e da experiência do pensamento em nosso posicionamento como cidadãos. Talvez, inspirados pelas palavras incisivas de Augusto Boal, dizer:

Não renuncio a nenhuma de minhas convicções anti-imperialistas, anticolonialistas, antirracistas, antissexistas, antienvilecimento do ser humano. Sou, cada vez mais,





inimigo irreconciliável de todas as formas políticas, morais, econômicas e sociais que hoje escravizam a maior parte da humanidade. (BOAL, 2009, p.20)

## Referências

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. RJ: Garamond, 2009.

BORGES-ROSÁRIO, Fábio. **A desconstrução do ensino de filosofia e a legislação antirracista**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor: relatos de um viajante educador**. Tradução de Hélia Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na senzala, quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

RODRÍGUEZ, Simón. **Inventamos ou erramos**. Tradução de Cinthia Fernandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 03 de novembro de 2021.

**Artigo aprovado para publicação em:** 20 de novembro de 2021.